

# O CONCEITO DE EXPRESSÃO GRÁFICA E SUA INTERRELAÇÃO COM O DESENHO INDUSTRIAL E AS TECNOLOGIAS COMPUTACIONAIS

## THE CONCEPT OF GRAPHIC EXPRESSION AND ITS INTERRELATIONSHIP WITH INDUSTRIAL DESIGN AND COMPUTER TECHNOLOGIES

**Rossano Silva**

ORCID

UFPR

rossano.degraf@gmail.com

**Gilson Braviano**

ORCID

UFPR

gilson@cce.ufsc.br

# PROJÊTICA

## DESIGN: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA, Rossano; BRAVIANO, Gilson. O conceito de Expressão Gráfica e sua interrelação com o Desenho Industrial e as Tecnologias Computacionais. **Projética**, Londrina, v. 16, n. 2, 2025. DOI: 10.5433/2236-2207.2025.v16.n2.50884. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/50884>.

**DOI:** 10.5433/2236-2207.2025.v16.n2.50884

**Submissão:** 24-06-2024

**Aceite:** 06-03-2025

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o campo disciplinar da Expressão Gráfica, sendo seu foco a trajetória institucional da Associação Brasileira de Expressão Gráfica - ABEG -, congregação que reúne professores e pesquisadores da área, criada em 1964 sob a denominação de Associação Brasileira de Professores de Geometria Descritiva e Desenho Técnico – ABPGDDT. A hipótese que sustenta essa investigação é que a definição das disciplinas e do conceito de Expressão Gráfica passou por alterações no decorrer das diferentes fases da Associação, advindas de mudanças de currículo ocorridas na educação escolar e no ensino superior. Outros fatores que levaram ao deslocamento dos sentidos do termo foram a inclusão de um novo campo profissional o Desenho Industrial e a inserção das tecnologias computacionais aplicadas ao Desenho, que reformulariam os discursos da Associação que em seu início estaria relacionado às áreas de Engenharia e Belas Artes. A pesquisa se baseia nos pressupostos da História dos Conceitos, de Koselleck (1992, 2012) e da História das Disciplinas e do Currículo, de Bittencourt (2003), Chervel (1990), Goodson (1990, 1995) e Julia (2001).

**Palavras Chave:** desenho industrial; expressão gráfica; história das disciplinas e do currículo; história dos conceitos.

**Abstract:** *This article aims to reflect on the disciplinary field of Graphic Expression, with its focus being the institutional trajectory of the Associação Brasileira de Expressão Gráfica - ABEG -, a congregation that brings together teachers and researchers in the area, created in 1964 under the name of Associação Brasileira de Expressão Gráfica. Teachers of Descriptive Geometry and Technical Drawing. The hypothesis that supports this investigation is that the definition of the disciplines and the concept of Graphic Expression underwent changes during the different phases of the Association, resulting from curriculum changes that occurred in school education and higher education. Other factors that led to the shift in the meaning of the term were the inclusion of a new professional field, Industrial Design, and the insertion of computational technologies applied to Drawing, which would reformulate the Association's speeches, which in its beginnings would be related to the areas of Engineering and Fine Arts. The research*

*is based on the assumptions of the History of Concepts, by Koselleck (1992 and 2012) and the History of Disciplines and Curriculum, by Bittencourt (2003), Chervel (1990), Goodson (1990 and 1995) and Julia (2001).*

**Keywords:** *Industrial draw; graphic expression; history of disciplines and curriculum; history of concepts.*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo traz parte das investigações desenvolvidas pelo primeiro autor, em seu estágio de pós-doutorado realizado no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, sob a supervisão do segundo autor. O projeto se dedica ao estudo da construção do conceito de Expressão Gráfica partindo da trajetória institucional da Associação Brasileira de Expressão Gráfica - ABEG -, criada em 1964, a qual congrega pesquisadores e professores dedicados ao estudo da Expressão Gráfica em diferentes especialidades, como Arquitetura, Design, Engenharia, Matemática, entre outras. Para esse trabalho, nos dedicaremos a explorar a interrelação entre a Expressão Gráfica e as áreas de Desenho Industrial e das tecnologias computacionais, buscando identificar como essa aproximação provocou mudanças nos sentidos atribuídos ao termo no recorte investigado.

Como aporte teórico, a pesquisa se insere nos estudos formulados pela história dos conceitos, idealizada por Reinhart Koselleck (1992, 2012), cujo objetivo é compreender as como determinados conceitos assumem em diferentes sentidos em contextos sociais e históricos diversos. Para o autor a questão central dessa abordagem está em compreender como: “[...] se articula a relação temporal entre conceitos e estados de coisas” (Koselleck, 2012, p. 31-32). Ou seja, como se une a linguagem (o conceito) e o que é extralinguístico (a realidade), associando as diferentes temporalidades na relação que o presente estabelece com o passado (experiência) e com o futuro (expectativa); uma vez que a linguagem não existe por si mesma?



Para o autor, o conceito é ambíguo e, em função de suas temporalidades históricas, pode agregar diferentes camadas de significados. “A história dos conceitos mostra que novos conceitos, articulados a conteúdos, são produzidos/pensados ainda que as palavras empregadas possam ser as mesmas” (Koselleck, 1992, p. 7). Assim, nossa proposição é analisar as mudanças de sentidos dados ao termo Expressão Gráfica, empregado pela ABEG, considerando o recorte de 1955, ano do I Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, até 1991, ano de realização do primeiro Graphica. No entanto, cabe destacar que, para construção da pesquisa, foi necessário ampliar a análise documental para além do recorte indicado.

Também se constitui como aporte teórico desta investigação, a história do currículo e das disciplinas, embasadas em André Chervel (1990), Dominique Julia (2001), Ivor Goodson (1990, 1995) e Maria Circe Fernandes Bittencourt (2003), objetivando compreender como o termo Expressão Gráfica substituiu ou se sobrepôs a palavras e termos como Desenho, Desenho Geométrico, Desenho Técnico, Geometria Descritiva, entre outros, se alinhando a conceitos e a áreas do conhecimento como Arquitetura, Design e Engenharia. A história das disciplinas, sejam escolares ou acadêmicas, as classificam como elementos criados pela cultura institucional que se articulam com esse espaço, embora não seja criado exclusivamente nele (Julia, 2001). A história do currículo procura entendê-lo como uma criação institucional, destacando a dimensão política da construção do currículo acadêmico e escolar, que seria fruto da articulação de diferentes grupos sociais, que carregam uma diversidade de concepções e interesses (Goodson, 1995).

Nesse sentido, para a história das disciplinas e do currículo, analisar o movimento das organizações de professores é de suma importância, na medida que embasará a compreensão da formação de uma disciplina. A ABEG, enquanto uma associação de professores, se mostrou capaz de organizar os debates acadêmicos e incentivar a produção científica da área. Ao investigar suas diferentes fases, foi possível perceber a expansão do grupo de profissionais, que, inicialmente, era formado majoritariamente pela área da Engenharia, para um grupo mais amplo, acomodando também profissionais da Matemática, Design e Artes.

Em especial, na área de Design, constatamos que a ABEG, em sua fase inicial, participou dos debates no contexto nacional, nas décadas de 1950 e 1960, sob a constituição dos cursos de Desenho Industrial e sua importância para o desenvolvimento da indústria brasileira. Nas fases seguintes da Associação, manteve-se a inserção deste campo, embora em menor escala, se comparado às áreas de Engenharia, Matemática e Arquitetura.

O movimento de internacionalização da Associação, entre o final dos anos 1980 e o início da década de 1990, ocorrido com a participação de seus membros em eventos, permitiu a atualização do corpo docente da área de Expressão Gráfica, através do contato com as pesquisas realizadas no contexto internacional, que analisaram as contribuições do uso das tecnologias computacionais na área. Com isso, percebemos que a Expressão Gráfica, conjuntamente ao regramento geométrico, incorporou o uso dessas tecnologias como parte de seu sentido.

Para exemplificar a diversidade de significados que o termo Expressão Gráfica carrega, cita-se o Programa Federal para a disciplina de Desenho do Ensino Secundário de 1931, do qual extrai-se a seguinte menção:

Aconselha-se que o professor traga às aulas a mais ampla exemplificação de exercícios análogos aos que estão sendo exercitados pela turma, lançando mão para isso de trabalhos efetuados em anos anteriores, de publicações da especialidade e de excursões dos alunos a museus, exposições, escolas, ateliers, oficinas, etc. Essa exemplificação não será copiada, mas servirá para uma apreciação subsidiária, que torne mais extensivo o tratamento, forçosamente limitado, que cada turma pode dar a execução de um programa destinado, não só a dar ao aluno a capacidade de executar por si mesmo alguns desenhos, como a compreensão global das possibilidades da **expressão gráfica** (Brasil, 1931, p. 12423-12424, grifo nosso).

No trecho, temos a relação da Expressão Gráfica com o Desenho, sendo a primeira entendida como possibilidades expressivas na linguagem gráfica e visual. Assim,

cabe questionar: Esse seria o conceito de Expressão Gráfica pensado na criação da ABEG? Que outros sentidos foram sobrepostos às camadas de significado do termo?

Ainda fazendo menção ao uso do termo em um momento anterior à criação da ABEG, temos a referência da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, que, em sua edição de número 63, de 1956, menciona uma publicação da ONU, denominada "*Arts and Education*", apresentando uma série de conferências dedicadas ao estudo do Desenho Infantil pela ótica da psicologia.

O ciclo [...] abrange quinze conferências, que podemos compreender sob seis aspectos principais: 1º) Problemas da personalidade da criança. **2º) Inteligência e expressão gráfica.** 3º) Desenho e terapia. 4º) Certos aspectos do desenho. 5º) Desenhos de crianças excepcionais e doentes mentais. 6º) Desenho primitivo e primitivismo no desenho de artistas (Psicologia [...], 1956, p. 246-247, grifo nosso).

Não está claro se os aspectos apontados pelo autor são sua interpretação sob as conferências ou são apresentadas na publicação original, mas, de qualquer forma, temos a referência à Expressão Gráfica associada ao desenvolvimento do desenho infantil. Cabe destacar que os estudos que associavam a criação infantil como fator de desenvolvimento psicológico se ampliaram na primeira metade do século XX, a partir do impulso do Movimento pela Escola Nova<sup>1</sup> e do Modernismo nas Artes. Muitos estudos utilizavam termos como "grafismo infantil", "expressão gráfica infantil" e/ou "desenho infantil" para classificar o desenvolvimento gráfico infantil por fases, além de atribuir à arte infantil a capacidade de expressão e autocontrole.

Voltando à ABEG, ao mencionar a adoção do termo Expressão Gráfica na reformulação da entidade, realizada em 1998, que decidiu pela alteração do nome,

---

1 O Movimento pela Escola Nova, no contexto brasileiro, se caracterizou pela intenção de renovação do ensino. Entre seus principais princípios, estavam a defesa da escola pública, laica, gratuita e obrigatória. O movimento teve início no início do século XX e ganhou impulso na década de 1930.

antes denominada de Associação Brasileira de Professores de Geometria Descritiva e Desenho Técnico - ABPGDDT - (ABPGDDT, 1998), Mario Duarte Costa, que fez parte da instituição em sua criação e a presidiu entre os anos de 1991 e 1994, efetuou a seguinte ponderação:

[...] embora os departamentos de Desenho nas faculdades isoladas geralmente fossem chamados de DEPARTAMENTO DE EXPRESSÃO GRÁFICA, não achei significativo para a nossa associação adotar tal terminologia. Dentro de uma Escola de Engenharia, por exemplo, todos entendiam perfeitamente quais as disciplinas estavam lotadas no seu departamento de Expressão Gráfica. Mas o mesmo não se pode garantir que acontecesse numa faculdade de Arquitetura ou numa escola de Belas Artes. O que dizer então para o entendimento que um leigo nas artes visuais teria de EXPRESSÃO GRÁFICA? (Costa, 2013, p. 87).

Para Costa (2013), o termo possuía uma relação direta aos conteúdos ligados ao Desenho, mas pensado em sua natureza projetual e técnica, em disciplinas como a Geometria Descritiva e o Desenho Técnico, sentido muito diverso daquele adotado no Programa Federal para disciplina de Desenho, de 1931. A posição do autor se alinha com o sentido dado ao termo nas Diretrizes Nacionais para os cursos de Engenharia (Brasil, 2001), que mencionam a Expressão Gráfica como um dos conteúdos disciplinares básicos dos cursos de Engenharia.

Mas, como o termo Expressão Gráfica é associado à área de Design? Na sequência, apresentam-se alguns indícios. No artigo de Priscilla Maria Cardoso Garone (2022), publicado na Revista Brasileira de Expressão Gráfica - RBEG, denominado “Elementos de expressão gráfica em ilustrações para games: um olhar sobre linha, valor tonal e cor”, a autora relaciona a Expressão Gráfica à gramática visual, aproximando o termo à estrutura da linguagem visual. Nesse sentido, a conotação dada assume outro significado, que aparentemente difere daquele pretendido pela ABEG, pelo menos em seus primeiros anos.

No livro “A prática do design gráfico<sup>2</sup>” (2009), de Rodolfo Fuentes, o termo Expressão Gráfica é identificado como parte conceitual de criação no Design Gráfico, associado ao desenho à mão livre e à capacidade de transmitir visualmente uma ideia. Para o autor:

Isto não quer dizer que um designer deva ser necessariamente um grande Desenhista [...]. **Não é essa a função da expressão gráfica.** A importância real de lidar com desenvoltura com o lápis e o papel é a de poder esquematizar e transmitir a outros ou a si mesmo mais facilmente os valores e os esforços da composição em um plano (Fuentes, 2009, p. 56, grifo nosso).

Um sentido distinto dado ao termo Expressão Gráfica pode ser visto no livro de Paola Fabres (2011) “O Design Gráfico Contemporâneo e suas linguagens visuais”, no qual a autora o utiliza com a intenção de realizar uma classificação estilística, especialmente no capítulo “A hibridação e a heterogeneidade na expressão gráfica contemporânea”, no qual o termo aparece associado à expressão na comunicação visual contemporânea.

O intuito dessa breve introdução à diversidade de possibilidades de sentidos dadas ao termo Expressão Gráfica sinaliza que ele foi adotado com distintas interpretações e interrelações. Pelo exposto, têm-se como objetivos deste artigo: (1) compreender os sentidos dados ao termo Expressão Gráfica, identificando os deslocamentos de significado do termo, em diferentes momentos histórico; (2) analisar a aproximação entre a Expressão Gráfica e o Desenho Industrial (Design), através dos discursos dos Simpósios Nacionais de Geometria Descritiva e Desenho Técnico e dos Congressos de Desenho; e (3) identificar as mudanças ocorridas na ABPGDDT, com a emergência das tecnologias computacionais aplicadas ao Desenho, nas décadas de 1980 e 1990.

---

2 O livro foi publicado originalmente em espanhol pela editora Paidós Ibérica de Barcelona, em 2004. Cabe ressaltar que o termo Expresión Gráfica é utilizado em países de língua espanhola. Na Argentina, por exemplo, há a associação profissional denominada Egrafia - Expresión Gráfica en Ingeniería, Arquitectura y Áreas Afines.



As fontes que sustentam essa investigação fazem parte do acervo da ABEG, que se encontra em posse da atual diretoria, sediada na Universidade Federal de Santa Catarina, e é composto por documentos oficiais, como, atas, comunicados, estatutos e publicações de periódicos, boletins e anais de eventos promovidos pela entidade e por associações parceiras. Metodologicamente, o trabalho se caracteriza como uma pesquisa histórica, na qual a análise das fontes permitirá problematizar a temática proposta, partindo tanto das fontes primárias pertencentes ao acervo da ABEG como de autores que analisam o período histórico do recorte da investigação.

### **AS FASES DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EXPRESSÃO GRÁFICA: UMA PROPOSTA DE CRONOLOGIA**

A reelaboração de um currículo oficial no currículo efetivo deve-se aos agentes envolvidos na função de educar. Nesse sentido, Bittencourt (2003) salienta que as disciplinas são frutos dos diversos movimentos sociais, incluindo aqui as associações profissionais, o que, nessa investigação, justifica o olhar para a ABPGDDT/ABEG. As normas e práticas institucionais não podem ser analisadas sem considerarmos o corpo profissional encarregado de aplicá-las. É o corpo profissional que está incumbido de transmitir os saberes determinados pela e para a escola e/ou universidade, atuado diretamente na interface entre os sistemas educacionais e as instituições de ensino (Chervel, 1990). Nesse sentido, é a classe profissional a responsável pela criação de uma disciplina ou de um saber acadêmico e/ou escolar, na medida em que traça estratégias para seu ensino.

Assim, analisar a trajetória institucional da Associação nos permitirá compreender as disputas e reelaborações da área de Expressão Gráfica em contexto nacional. A investigação das fontes nos permitiu, até este momento, elaborar uma organização da instituição em três fases distintas (Silva; Braviano, 2004a):

- 1ª fase - Constituição da ABPGDDT (1955 – 1964): caracterizada pela centralidade dos debates em aspectos teóricos e metodológicos do ensino da

Expressão Gráfica, com foco nas disciplinas do ensino superior; importância do Desenho e da Expressão Gráfica para o desenvolvimento industrial do país; formação profissional de professores de Desenho e de Desenhistas Industriais; e predomínio de profissionais da área de Engenharia;

- - 2ª fase - Reinstalação da ABPGDDT (décadas de 1980 e 1990): caracterizada por debates pela reinclusão do ensino de Desenho na educação básica; uso do termo Expressão Gráfica na designação de atividades de diferentes níveis de ensino; maior variedade de profissionais; e percepção sobre as mudanças advindas da computação e das tecnologias digitais para a profissionalização e ensino da Expressão Gráfica; e
- 3ª fase - Consolidação da ABEG (década 1990 - 2008), caracterizada pela articulação com entidades e eventos internacionais; ampliação da produção científica na área de Expressão Gráfica; e pelo reposicionamento do campo disciplinar, discutindo a inclusão das tecnologias digitais e seus impactos para o ensino e a prática profissional em Expressão Gráfica.

A estruturação dessas fases contribui para a elaboração da hipótese da presente investigação, não sendo ainda colocada de forma definitiva, e a caracterização das fases se dá principalmente pelo teor dos discursos enunciados pela Associação e seus membros, que, de forma alguma, devem ser vistos como uma unanimidade livre de disputas. Embora o presente trabalho esteja centrado na análise da primeira e segunda fases da Associação, cabe destacar que o recorte da terceira fase está em andamento, pois ele se encerra em 2008, em razão do corpo documental analisado na pesquisa de pós-doutorado, cabendo ainda dar continuidade à investigação acerca dos discursos promovidos pela ABEG nos anos seguintes, tendo em vista que ela se encontra em atividade.

## CONSTITUIÇÃO DA ABPGDDT E A APROXIMAÇÃO COM A ÁREA DE DESENHO INDUSTRIAL

O contexto de criação da Associação Brasileira de Professores de Geometria Descritiva e Desenho Técnico - ABPGDDT -, em 1964, é marcado pela situação de relativo conforto da disciplina de Desenho nos currículos escolares brasileiros, revelando, em parte, que o ensino do Desenho Geométrico, da Geometria Descritiva e do Desenho Técnico no contexto da educação superior era uma continuidade daquele ministrado na educação básica. Os debates iniciais encontrados na documentação da ABEG demonstram uma estrutura disciplinar consolidada, que buscava o aprimoramento do ensino.

A criação da Associação resultou dos debates ocorridos nos quatro primeiros Simpósios Nacionais de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, realizados em 1955, 1957, 1959 e 1963 nas cidades de Porto Alegre - RS, Rio de Janeiro - RJ, Resende - RJ e Recife - PE, respectivamente. Dois documentos trazem a síntese das primeiras edições dos certames: o primeiro é o documento intitulado "Síntese dos Simpósios Nacionais de Geometria Descritiva e Desenho Técnico - 1955/1963" (ABPGDDT, 1983); o outro é o Boletim comemorativo dos 40 anos da Associação (ABEG, 2003), que contempla o recorte de 1955 a 1989.

Não faremos uma descrição pormenorizada da síntese dos simpósios<sup>3</sup>, mas as recomendações em geral detalhadas nos documentos ABPGDDT (1983) e ABEG (2003) demonstram discussões sobre os seguintes pontos: de ordem disciplinar sobre a Geometria Descritiva e o Desenho Técnico, em especial no ensino das escolas de Engenharia e Agronomia; adaptação do ensino secundário às exigências

---

3 Uma análise mais detalhada dos discursos promovidos, no contexto inicial da ABEG, pode ser encontrada em Silva e Braviano (2004a). Trata-se de um texto completo, desenvolvido para o evento Graphica 2024, que recebeu o convite para ampliar o texto original e publicá-lo na Revista Brasileira de Expressão Gráfica.

de ingresso nos cursos superiores e preocupação com a formação de professores de desenho; recomendações sobre a aplicabilidade da Geometria Descritiva e do Desenho Técnico às exigências das novas demandas industriais do país; criação de cursos técnicos e superiores na área de Desenho Industrial; além de ser indicada, no terceiro simpósio, a necessidade de criação de uma sociedade que afiliasse os professores de Expressão Gráfica brasileiros.

Para entender a trajetória da área de Expressão Gráfica, podemos traçar um paralelo com a análise realizada por Goodson (1990) sobre o desenvolvimento da disciplina de Geografia no Reino Unido. Segundo o autor, a disciplina passou por várias etapas, desde sua inclusão nos currículos escolares até sua institucionalização no ensino superior, como disciplina acadêmica, com a criação de Departamentos nas universidades. Esse processo levou à teorização e debates sobre concepções e objetivos da disciplina, tanto em seu contexto escolar quanto acadêmico. De maneira semelhante, a área de Expressão Gráfica também enfrentou desafios quanto à definição de seus conteúdos e métodos de ensino. Nos simpósios, a discussão não era sobre “ensinar ou não” os conteúdos da área, mas sim sobre “como esse ensino deveria ser realizado”, incluindo a incorporação de novas teorias e conceitos nos programas e a redefinição de objetivos e nomenclaturas das disciplinas.

Outra questão destacada pelos debates foi a profissionalização da disciplina, com discussões sobre a formação de professores e a emergência de um novo campo profissional, conhecido como Desenho Industrial<sup>4</sup>. Esse novo campo, posteriormente, daria novos contornos à Associação, que, inicialmente, tinha como principal foco de debate as Escolas de Engenharia, Agronomia e Belas Artes (Silva; Braviano, 2024a).

---

4 Conforme Ana Carolina Martins Pinheiro e Marcos da Costa Braga (2023), a alteração do termo Desenho Industrial para Design, ocorreu como resultado dos debates ocorridos no Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial, situado em Florianópolis, em 1988, no documento Carta de Canasvieiras. Consideração compartilhada por Monica Moura (2022) que afirma que na década de 1990 ocorre a disseminação do termo, da atividade profissional e de cursos de formação na área.

A título de exemplo, traremos as recomendações realizadas no quarto simpósio, realizado na Escola de Agricultura da Universidade Rural de Pernambuco, em 1963, relacionadas ao Desenho Industrial, que reafirmavam a necessidade de criação de cursos e de se pensar o aperfeiçoamento da formação docente na área.

**8 - Recomendar aos poderes competentes a imediata instalação de Cursos de Desenho Industrial**, tanto em nível médio como superior, no sentido de que sejam atendidas as angustiantes solicitações do desenvolvimento fabril nacional. 9 - Recomendar aos poderes competentes o aperfeiçoamento no estrangeiro ou em Estados mais desenvolvidos para os professores dos Cursos de Desenho Industrial como medida mais rápida e fácil de atender ao aprimoramento exigido pelo nosso desenvolvimento industrial (ABPGDDT, 1983, p. 64-65, grifo nosso).

Cabe destacar que no contexto da criação da ABPGDDT, o campo do Design estava em estruturação no Brasil, em 1962, tendo a inclusão do desenho industrial no curso de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo - FAU/USP -, e no Rio de Janeiro, no mesmo ano, a criação da Escola Superior de Desenho Industrial - ESDI (Niemeyer, 2007). Assim, na percepção da Associação, a inclusão da área em seus debates indica que esse novo profissional estaria no escopo de suas atividades e a Expressão Gráfica deveria ser incluída como parte da sua construção, pois se, em um primeiro momento, o grupo foi majoritariamente formado por profissionais advindos da área da Engenharia<sup>5</sup>, o desenvolvimento desse novo campo profissional agregaria novos contornos a suas atividades e prescrições.

Antes da constituição da ABPGDDT, o professor Manuel Caetano Queiroz de Andrade, que havia sido eleito, pela assembleia do terceiro simpósio, como organizador da

---

5 A listagem dos sócios fundadores, apresenta que entre seus 57 componentes temos: 34 engenheiros; nove arquitetos; seis agrônomos; cinco indivíduos identificados como professores universitários; dois associados não tendo uma profissão indicada; e um militar (ABPGDDT, 1964).



próxima edição do certame, realizou, entre os dias 15 de outubro a 22 de novembro de 1962, uma viagem para as regiões Sudeste e Sul do Brasil, com o intuito de promover a quarta edição do evento, o qual teve como sede a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Em seu relatório, Andrade, ao descrever sua passagem pelo Rio de Janeiro, quando participou de mesas redondas e apresentou o relatório da organização do quarto simpósio, relatou a apresentação realizada pelo professor Durmeval Trigueiro Mendes, então Diretor do Ensino Superior, sobre a estruturação de cursos de "Criação Industrial" nas cidades de Porto Alegre - RS, São Paulo - SP e Recife - PE (ABPGDDT, 1983). Tal evento nos dá indícios da articulação entre a Associação e o movimento pelo estabelecimento das bases do Desenho Industrial no contexto nacional.

Em 25 de outubro de 1963, ocorreu, na Reitoria da Universidade Rural de Pernambuco - URFPE -, a aprovação da primeira diretoria da ABPGDDT, composta pelos seguintes nomes: Manuel Caetano Queiroz de Andrade (presidente), Ivan Tavares (secretário geral), Cláudio Mariano Ferreira Selva (tesoureiro), Mario Duarte Costa (primeiro diretor) e Raul Camelo (segundo diretor). Dentre os objetivos elencados em seu estatuto, destacamos: o aperfeiçoamento do ensino e pesquisa das disciplinas de Geometria Descritiva e Desenho Técnico; o intercâmbio entre "professores de Expressão Gráfica" (ABPGDDT, 1964, p. 1).

Em relação aos associados, o estatuto define cinco categorias: sócios fundadores, sócios efetivos, professores associados, sócios honorários e sócios beneméritos. Os sócios fundadores foram todos aqueles que participaram do IV Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, de 1963, além de professores de Escolas Superiores, que exerciam suas atividades fora do Estado de Pernambuco e enviassem até 30 de maio de 1963 uma solicitação à comissão responsável pela escrita do estatuto. E somente esses sócios e os sócios efetivos poderiam compor a presidência da instituição. É interessante destacar que o estatuto também limitava aos professores de Expressão Gráfica de nível superior a função de sócios efetivos e professores associados (ABPGDDT, 1964). Tais elementos apontam que o termo "Expressão Gráfica",

no contexto, estava interrelacionado com as disciplinas acadêmicas, enquanto o termo Desenho se relacionava aos currículos da educação básica.

No primeiro ano de funcionamento da ABPGDDT, foi organizado o 1º Congresso Nacional de Professorado de Desenho (1964), em Recife. Destacamos que, ao invés de usar a denominação Geometria Descritiva e Desenho Técnico, como nos simpósios, foi utilizado o termo Desenho, o que indicaria uma estratégia para atrair diferentes áreas e níveis de ensino para o evento, associando-o diretamente à disciplina de Desenho dos currículos escolares. Isso pode ser evidenciado por uma reportagem no periódico Diário de Pernambuco (28 out. 1964), que, ao mencionar os convidados para o evento, destaca as presenças dos professores Paulo Sá, diretor da Associação de Normas Técnicas - ABNT -; Noêmia Varela, diretora da Escolinha de Arte do Brasil; e Alexandre Wollner, da Escola Superior de Desenho Industrial - ESDI.

Analisando o perfil dos convidados, identificamos três focos temáticos que configuram as discussões da Associação no período: Paulo Sá, engenheiro, como representante da ABNT, estaria ligado às discussões sobre a relação entre a Expressão Gráfica e o Desenho, tanto relativas à normatização do Desenho Técnico, quanto nos discursos que relacionam a área ao desenvolvimento industrial. Nesse sentido, a presença de Alexandre Wollner, designer gráfico, corrobora com esse aspecto ao representar a profissionalização do campo do Desenho Industrial no país. Por fim, a indicação de Noemia Varella, arte educadora, representaria as discussões sobre o Desenho e a infância, tônica que, como demonstramos na introdução do artigo, identifica sentidos possíveis ao termo Expressão Gráfica.

Tais aspectos transparecem na programação do evento, que se dividiu em três grandes eixos: Desenho, Currículo e Regulamentação. O primeiro eixo visava discutir aspectos relacionados ao Desenho como forma de expressão e atividade de formação cultural e seus aspectos educacionais. Nesse mesmo eixo, ainda é mencionada a temática do Desenho como “fator de progresso tecnológico” (ABPGDDT, 1965,

p. 1). O eixo Currículo, por sua vez, debatia sobre a formação de professores de Desenho; a necessidade de desenvolvimento da pós-graduação; e o ensino superior do “Desenho de Criação”. E, por fim, o eixo Regulamentação visava debater as atribuições profissionais dos egressos dos cursos de Professorado de Desenho e a criação de conselhos nacionais e estaduais de Desenho (ABPGDDT, 1965).

Ao tratar das temáticas de currículo e regulamentação, fica evidente a preocupação da audiência em deliberar sobre a profissionalização da área, seja através das discussões sobre os cursos de professorado de Desenho, seja sobre a formação de desenhistas industriais. Ainda nesse sentido, foi aprovada no evento a criação do Conselho Nacional de Desenho, que teria por objetivo: regulamentar o exercício da profissão de “Desenhista”, em nível médio e superior; e regulamentar a atividade didática dos professores de Desenho, em nível médio, e, de Expressão Gráfica, em nível superior (ABPGDDT, 1965).

Na sequência dessa proposição, foi discutida e aprovada pela audiência a ampliação das possibilidades de que cursos de professorado em Desenho habilitassem os egressos a atuarem profissionalmente na área de Desenho Industrial e, para isso, deveriam incluir “[...] nos seus programas disciplinares que permitam, em primeira instância o exercício de atividades do **Criador Industrial** (Desenhista Industrial ou Programador Visual)” (ABPGDDT, 1965, p. 39, grifo nosso). Embora não tenhamos dados para analisar se essas proposições foram levadas adiante, fica evidente a interrelação feita entre as áreas de Desenho e de Desenho Industrial, ainda mais se considerarmos que, nas décadas de 1970 e 1980, muitos dos cursos de Desenho Industrial criados no Brasil se originam de Escolas de Belas Artes ou de Artes Plásticas que “imprimiu um caráter mais livre do que a racionalidade imposta por Ulm, pois nesses cursos destacavam-se as relações expressivas com os conteúdos sistemáticos para a prática do design” (Moura, 2022, p. 158). Tendo em vista essas considerações, podemos lançar como hipótese que as discussões realizadas nos eventos citados representariam contribuições para a estruturação da área de Design no contexto brasileiro, a qual estaria interrelacionada ao Desenho e à Expressão Gráfica.

Retomando os objetivos do Conselho Nacional de Desenho, destacamos uma classificação feita sobre a docência, enquanto a proposta coloca para o ensino médio a atuação do “Professor de Desenho”, para o ensino superior a designação utilizada é “Professor de Expressão Gráfica”, que, como já mencionado, indicaria que há uma diferenciação das disciplinas por conta do nível de ensino, estando assim a Expressão Gráfica associada com aquelas disciplinas que compõem o currículo universitário.

Outra evidência que corrobora com essa proposição está em uma reportagem anexa à Síntese dos Simpósios (ABPGDDT, 1983), que cita uma entrevista concedida por Manuel Caetano Queiroz de Andrade ao Jornal do Comercio, de 20 de janeiro de 1963, que, ao comentar as “vitórias” do quarto Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, menciona a adoção do regime departamental nas instituições de ensino superior. Em suas considerações, Andrade, menciona que a criação de departamentos facilitaria o agrupamento de ciências que se correlacionam, e, ao citar as disciplinas Geometria Descritiva, Geometria Projetiva, Perspectiva e Sombras, afirma que estas se agrupam em departamentos de Expressão Gráfica. Seu comentário deixa evidente a percepção de que a Expressão Gráfica se constitui como uma ciência composta por um corpo de disciplinas nas quais o Desenho é pensado dentro de uma matriz projetiva, especialmente ao se referir ao ensino superior.

### **O RETORNO DA ABPGDDT E OS DEBATES SOBRE O ENSINO DE DESENHO**

Por conta do contexto político da ditadura civil-militar instaurada no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, a ABPGDDT teve suas atividades suspensas. Em 1981, seria realizado o II Congresso Brasileiro de Desenho, em Florianópolis, organizado pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – e Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Apesar da mudança de nomenclatura, esse evento seria a continuação daquele realizado em 1964. Conforme depoimento de Alcy Costa e

Mário Duarte da Costa, ambos da UFPE, membros da Associação, o evento foi fruto do Curso de Especialização em Desenho, promovido pela UFSC:

O marco mais significativo da década [1970], para o desenvolvimento da Expressão Gráfica, foi o primeiro curso de especialização realizado na UFSC, entre 77 e 79. Santa Catarina, que não teve nenhum sócio fundador da ABPGDDT, surpreendeu o Brasil, sob a liderança da professora Vânia Ulbricht, cuja capacidade empreendedora é equivalente à do professor Manuel Caetano [...] (Costa; Costa, 2003, p. 4).

Cabe destacar que o contexto da disciplina de Desenho, no período, era distinto daquele da criação da ABPGDDT, a disciplina havia sido substituída pelo ensino de Educação Artística na educação básica e, no ensino superior, apesar de sua manutenção, sofreu reduções, além de necessitar repensar a estruturação das disciplinas de Expressão Gráfica no sistema departamental instaurado pela lei nº 5540 de 1968<sup>6</sup>.

Tal situação fica evidenciada pelo documento final elaborado no II Congresso Nacional de Desenho. Ao analisar as doze proposições, encontramos as seguintes temáticas: A reinclusão do Desenho no ensino de 1º e 2º graus, propondo que essas sejam ministradas por professores graduados em licenciatura em Desenho, Desenho e Plástica e Educação Artística com habilitação em Desenho; A inclusão de provas específicas de desenho para a seleção de vestibular; A criação de uma associação de professores de Desenho e Plástica; e por fim, “Não permitir, em qualquer curso de 2º e 3º graus, redução na carga horária de Desenho, devendo haver incremento numa carga horária sempre que houver condições [...]” (UFSC; UDESC, 1981, p. 201).

---

6 A Lei 5540, de 1968, também conhecida como Reforma Universitária, estabeleceu diretrizes para o ensino superior brasileiro. Entre seus principais objetivos, estavam: estabelecer o regime de autonomia universitária; implantar o regime departamental; fixar as normas de organização das instituições universitárias; estabelecer a articulação entre os níveis médio e superior de ensino; e aglutinar instituições isoladas de ensino superior em universidades.



Ao analisar as nove palestras e as onze comunicações apresentadas no evento, percebemos que as temáticas se relacionam aos conteúdos ligados às áreas da Geometria, Geometria Descritiva e Desenho Técnico, quanto à situação do ensino de Desenho e sua interrelação com as áreas de Arquitetura, Desenho Industrial e Tecnologia. Sobre a relação com o Desenho Industrial, temos duas palestras intituladas: “Problemas de Pesquisa e do ensino de Desenho Industrial”, de Lucio Grinover, da Universidade de São Paulo – USP –, que reflete sobre a relação entre o desenvolvimento do Desenho Industrial e o desenvolvimento tecnológico e fabril brasileiro (UFSC; UDESC, 1981); e “O desenho artístico, de precisão e técnico como pré-requisito para o designer”, de Francisco José Bonato Neto, da Faculdade de Desenho Industrial de Santa Cecília e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que indica como tese do trabalho que o “Desenhista Industrial (Designer) necessita conhecer profundamente o Desenho Artístico, o Desenho de Precisão e o Desenho Técnico como suas ferramentas primordiais de trabalho profissional” (UFSC; UDESC, 1981, p. 161).

Outra temática apresentada, que se fará presente com mais ênfase nos discursos da Associação no final da década de 1980, é o uso das tecnologias computacionais. Nesse sentido, na comunicação intitulada “Perspectiva utilizando uma traçadora acoplada a um computador”, de Carlos Breno Moraes Celestino, da Faculdade de Tecnologia de Manaus, é apresentado o uso da programação na linguagem FORTRAN para o traçado de perspectiva de sólidos geométricos (UFSC; UDESC, 1981).

Sobre o documento final (UFSC; UDESC, 1981), é interessante destacar que não é feita a menção ao termo Expressão Gráfica, e mesmo a proposição de uma nova associação que agregasse os professores de Desenho, realizada na plenária do evento, teria como nome “Desenho e Plástica” em referência aos cursos superiores de Licenciatura criados no final da década de 1960, que mesclavam em seus conteúdos assuntos ligados ao Desenho em suas diferentes modalidades bem como conteúdos ligados às Artes Plásticas.

Essa relação levou, em 1982, à realização, em Salvador, do III Congresso Nacional de Desenho e Plástica, conforme Costa e Costa (2003). A nova alteração de nome acabou gerando a inscrição de muitos profissionais de Artes Plásticas, o que, na visão dos autores, contribuiu para dispersão nos debates do evento. Sobre as recomendações elaboradas no evento, se manteve a tônica do retorno do Desenho no ensino primário e secundário, da inclusão de provas específicas de Desenho para o ingresso no ensino superior, além da solicitação da manutenção e possível ampliação da carga horária nas universidades. Além dessas proposições, outras versavam sobre a questão da Educação Artística e das Artes Plásticas (UFBA *et al.*, 1982). Retomamos o depoimento de Costa e Costa:

O documento final traduziu muito bem a falta de objetividade conseguida com a quantidade de participantes, constituindo um grupo bastante heterogêneo. **Insatisfeitos com o rumo tomado pela sequência de congressos universitários os professores de Expressão Gráfica pediram a reativação da ABPGDDT.** A primeira diretoria foi reconstituída [...] A primeira providência da nova associação foi a realização do 5º Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico (Costa; Costa, 2003, p. 4, grifo nosso).

Com a reconstituição da ABPGDDT em 1983, houve o retorno dos Simpósios Nacionais de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, sendo organizados no período de 1983 a 1989 quatro edições do evento (quinto ao nono), nas seguintes localidades: Fundação Educacional de Bauru, São Paulo (1983); Fundação Universidade Estadual de Londrina, Paraná (1984); Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (1985); Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro - RJ (1986); e Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Embu - SP (1989).

Ao analisar a síntese das propostas dessas edições (ABEG, 2003), percebemos que as recomendações têm por tônica a defesa do ensino de Desenho nos diferentes níveis de escolarização, sendo que, no sétimo simpósio, foram incluídas discussões sobre a pré-escola. Os discursos que fundamentam o retorno se apoiam na ideia

do Desenho como forma de expressão e na formação profissional. A título de exemplo, trazemos três proposições apresentadas no quinto simpósio:

Inclusão do ensino de Geometria Descritiva no núcleo comum do ensino de 2º Grau. Inclusão do ensino de Desenho Geométrico no núcleo comum do ensino de 1º e 2º Grau [...] Obrigatoriedade da inclusão de Desenho Geométrico, Geometria Descritiva, Desenho Técnico e Desenho Industrial nos currículos das Escolas de Formação, tanto em ciências exatas como em áreas técnicas (ABEG, 2003, p. 5).

Ao analisar a proposta, percebemos que a referência aos conteúdos apresentados se alinha com as edições anteriores do certame, o que, de certa maneira, nos indica que o ensino da Expressão Gráfica, na visão da Associação, se relaciona com os conteúdos de Geometria Descritiva, Desenho Geométrico, Desenho Técnico e Desenho Industrial. Já nas edições seguintes, a menção aos conteúdos utiliza apenas o termo “Desenho”, o que poderia se constituir uma estratégia, visando associar a concepção de Desenho, disciplina que figurou nos currículos escolares, à ideia de formação profissional e avanço tecnológico (Silva; Braviano, 2024b).

### **RELAÇÃO INICIAL ENTRE AS TECNOLOGIAS COMPUTACIONAIS E A EXPRESSÃO GRÁFICA NO CONTEXTO DA ABPGDDT**

A nona edição do evento, que ocorreu em 1989, apresenta uma diferença na temática das propostas. Apesar de incluir a necessidade do retorno das provas de Desenho nos concursos de vestibular, como nas edições anteriores, há, em sua proposição final, a inserção dos meios digitais para o ensino de Expressão Gráfica, tônica que será uma constante nos discursos nos anos seguintes da Associação (ABEG, 2003).

Outros indícios da inclusão das tecnologias computacionais e sua relação com o Desenho e a Expressão Gráfica foram, também, encontrados na documentação da ABEG. Cita-se, como exemplo, o 2º Encontro Regional de Professores de Geometria

Descritiva e Desenho Técnico, realizado em 1990, na Universidade de Mogi das Cruzes – SP –, promovido pelos núcleos regionais Centro e Sul da ABPGDDT. O documento menciona a participação da professora Maria Helena Wyllie Lacerda Rodrigues, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ –, em dois congressos, realizados em Viena e Miami, nos anos de 1988 e 1990, respectivamente (Silva; Braviano, 2024b). Tal informação advém da ata da primeira seção, que afirma a necessidade de atualização do ensino do Desenho a partir da “nova ferramenta trazida pela era da informática” (UMC; POLI-USP, 1990, p. 1). Ao indicar as proposições para o 10º Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, na ata da terceira seção, é proposto um item que indica a utilização do computador na Representação Gráfica (UMC; POLI-USP, 1990).

No ano de 1988, a ABPGDDT publica a tradução dos anais da 3ª Conferência Internacional de Engenharia Gráfica e Geometria Descritiva, realizada em Viena no mesmo ano. O certame colocou, como temáticas, três eixos: “1. A gráfica teórica e a geometria aplicada; **2. Engenharia gráfica computadorizada**; e 3. Ensino de engenharia gráfica” (ABPGDDT, 1987, p. 1, grifo nosso). Ao analisar o documento, verificamos que, dos quatorze trabalhos, sete versavam sobre o uso e inserção do desenho assistido por computador (Silva e Braviano, 2024b). Na introdução, o presidente da Associação, Manuel Caetano de Queiroz de Andrade, comentou: “Na oportunidade em que a linguagem gráfica assume mundialmente, pela computação, o papel preponderante no desenvolvimento tecnológico de cada país, nos parece inquestionável que a nossa educação deva dominar completamente esse meio de comunicação” (ABPGDDT, 1988, p. 7).

A relação entre as tecnologias digitais, em especial a computação gráfica, com o ensino e as práticas profissionais da Expressão Gráfica se faz mais presente nas edições posteriores dos simpósios. Isso nos indica uma mudança de sentido dos conceitos de Desenho e de Expressão Gráfica, que já não estariam delimitados pelas disciplinas que configuraram o primeiro momento da Associação (Silva; Braviano, 2024b). Como mencionado na sessão do texto sobre as fases da ABEG, ao

nosso entender, essa relação entre as tradicionais disciplinas da Expressão Gráfica e a computação gráfica e outras tecnologias digitais é a tônica do que chamamos de terceira fase da instituição, pois, nas publicações analisadas na década de 1990, percebe-se que as discussões sobre a inclusão do Desenho na educação básica perdem força, talvez pela percepção de que não seria mais possível o seu retorno na mesma configuração que existiu até a década de 1970, então pensar a Expressão Gráfica sobre a ótica da tecnologia digital se constituiu como uma estratégia de valorização das disciplinas e seu alinhamento ao ensino superior.

Ressaltamos que a análise da terceira fase da Associação está em andamento. Além da investigação dos eventos organizados, serão analisados dois periódicos: a Revista Graf&Tec, publicada entre 1996 e 2008, que contou com vinte e quatro edições; e a Revista Brasileira de Expressão Gráfica, publicada desde 2013 e que conta atualmente com vinte e uma edições. Sobre os Simpósios Nacionais de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, vale destacar que, em sua 10ª edição, ocorrida em Brasília, em 1991, foi incluída a denominação “Graphica” e, em 1996, iniciam-se as Conferências Internacionais de Engenharia Gráfica para Artes e Design (Silva; Braviano, 2024b). O intuito dessas alterações foca no processo de internacionalização da área, ao se aproximar de designações utilizadas em eventos estrangeiros, como, por exemplo, adotando o termo “Engenharia Gráfica”, ao mesmo tempo que busca ampliar as áreas de abrangência ao adicionar os termos “Artes” e “Design”. Tais detalhes indicam uma ampliação das camadas de sentido do próprio termo Expressão Gráfica.

Ainda sobre os eventos, vale destacar que, ao adotar a denominação Graphica, a Associação amplia o alcance, por se constituir como um evento internacional, ao mesmo tempo que a denominação faz referência ao termo “Gráfica”, ampliando a gama de áreas a serem abordadas de forma distinta das denominações dos simpósios. No caso desses, apesar da inclusão de diferentes temáticas, ainda era feita clara referência a duas disciplinas da Expressão Gráfica: a Geometria Descritiva e o Desenho Técnico (Silva; Braviano 2024b). A denominação conjunta



do nome Graphica e do simpósio foi utilizada até o ano 2013, no evento ocorrido na UFSC, sendo que, a partir de 2015, na 11ª edição do evento, realizada em Lisboa conjuntamente ao Congresso da Associação dos Professores de Geometria e de Desenho de Portugal, a ABEG passa a utilizar exclusivamente a denominação Graphica. Isso se mantém nos eventos seguintes, inclusive no próximo, que chega a sua 25ª edição.

O primeiro Graphica ocorreu em 1991, na Universidade de Brasília - UnB -, e a adoção da denominação foi explicada pela professora Teresa Cristina de Oliveira Costa Pinto (1990) em uma carta endereçada à presidência da ABPGDDT. Dentre os principais argumentos mencionados no documento, temos: os novos meios de produção de representações gráficas associados tanto aos conhecimentos inerentes às disciplinas básicas da Expressão gráfica como às novas tecnologias computacionais; a necessidade de nomes com maior apelo “mercadológico”, indicativos das novas áreas, como a “Engenharia Gráfica” e “Engenharia de Computação Gráfica”; e, por fim, a necessidade de atrair para o evento profissionais que façam uso da representação gráfica, mas que não estão interessados em problemas de geometria.

Os argumentos expostos pela organização do evento destacam a necessidade de compreender a Expressão Gráfica para além das disciplinas de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, ou seja, de sua matriz com base na geometria, indicando que seu uso está vinculado a diversas áreas. Outra questão apresentada é a noção que a computação gráfica alterou a concepção de Desenho, na qual a ênfase não estaria centrada na técnica de representação, mas na visualização e na apreensão da realidade. Para denominar esse novo sentido dado ao Desenho, em diversas publicações da Associação, é utilizado o termo “Novo Desenho” (ABEG, 2003).

Embora os anais do Graphica 91 não tenham sido publicados, um documento intitulado “Abaixo Assinado” revela que as discussões focaram na reintegração do Desenho na educação básica e na relação com as novas tecnologias computacionais

(Silva; Braviano, 2024b), como evidencia o seguinte trecho do documento mencionado:

Se na atualidade se constatarem esses problemas, advindos da falta do ensino de Desenho, por outro lado, o desenvolvimento e a utilização de novas tecnologias, e a consequente informatização da sociedade, não nos deixam outra alternativa senão atuar de forma preventiva na formação global cidadão, desenvolvendo todas as suas potencialidades, incluídas aí o desenvolvimento da percepção, da criatividade, dos raciocínios abstrato e espacial (Graphica 91, 1991, p. 2).

O início do documento citado faz referência a Rui Barbosa, que, no final do século XIX, argumentava sobre a necessidade do ensino do Desenho para o desenvolvimento industrial brasileiro. Cabe destacar que, igualmente, as discussões sobre a necessidade da criação de cursos de Desenho Industrial utilizaram essa retórica, o que nos permite inferir que para a Associação havia uma pauta comum com a área. Sobre a repercussão do evento, temos o comentário de Ana Magna Alencar Correa e de Vilma Villarouco, que atuaram na direção da instituição entre os anos de 2003 e 2009:

Os até então chamados 'n Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Professores de Geometria Descritiva e Desenho Técnico', naquele momento havia passado a ser GRAPHICA 91, e a expressão incorporada nos eventos subsequentes. Obviamente, muitas discussões ocorreram, inclusive em nível semântico. Entretanto, embora não consideremos a denominação ABEG [...] representativa para nossa área, do mesmo modo, o entendimento que somos professores de Desenho leva a infundáveis e controversos debates (ABEG, 2003, p. 5).

Apesar do dissenso sobre o uso do termo Expressão Gráfica, as autoras enfatizam que o termo Desenho também não teria a representatividade correta para denominar a atuação educacional e profissional dos membros da Associação. Com a mudança de nomenclatura para ABEG, instituída em 1998, podemos inferir

que a Expressão Gráfica, para a instituição, é mais que o Desenho, porém que agora incorporaria a relação entre as diferentes formas de representação, sejam as tradicionais advindas da Geometria Descritiva e do Desenho Técnico, sejam as possibilidades criadas a partir das novas tecnologias computacionais. Além disso, percebeu-se que área de Expressão Gráfica não estaria limitada à Engenharia e Belas Artes, mas que incorporaria o Design e a Arquitetura, entre outras, se caracterizando pela interface entre diferentes campos profissionais

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar os sentidos do termo Expressão Gráfica no recorte investigado, identificamos os deslocamentos e as discussões sobre seu significado. Em um primeiro momento, o termo se referia às disciplinas de Desenho que teriam na geometria seu suporte, pensadas para o ensino superior, o que constitui o objeto de atenção da ABPGDDT. Com os Congressos Nacionais de Desenho, verifica-se a inclusão da educação básica como parte do escopo que deveria ser abarcado pela Associação. A inclusão de outras áreas, como o Desenho Industrial, reflete a estratégia em ampliar o leque de profissões relacionadas à Expressão Gráfica, o que, no contexto das disciplinas acadêmicas das décadas de 1950 e 1960, estava delimitado a área da Engenharia e das Belas Artes.

Com seu retorno em 1983, percebe-se que as discussões sobre o Desenho e Plástica não se adequam aos objetivos pensados por seus membros que retomariam a ABPGDDT, embora não tenham abandonado as expectativas do retorno da disciplina nos currículos escolares. A constatação que o ensino escolar não voltaria a se configurar como no momento de criação da Associação e as discussões que ocorreram em âmbito internacional levaram a instituição a repensar os sentidos que o termo Expressão Gráfica poderia significar associando a ideia de Engenharia Gráfica e as possibilidades que as tecnologias digitais trariam às disciplinas tradicionais da área, movimento identificado pela inclusão da expressão GRAPHICA

aos simpósios e a própria mudança de nome da Associação, que passaria a incluir outras áreas.

Ressaltamos que ainda será necessário ampliar as investigações sobre a terceira fase da ABEG, pois seria possível indicar que a aproximação com diferentes áreas, como Arquitetura e Design, e, mesmo as mudanças nas tecnologias de representação digital, tenham configurado novos deslocamentos de sentido do termo Expressão Gráfica.









*Gráfica*, Bauru, v. 28, n. 3, p. 299 – 318, dez. 2024b. Disponível: <https://www.educacaografica.inf.br/artigos/o-retorno-do-desenho-aos-curriculos-escolares-um-olhar-sobre-as-contribuicoes-da-abeg-no-periodo-de-1983-a-1991-the-return-of-drawing-to-school-curriculum-a-look-at-the-contributions-of-abeg-in-t>. Acesso em: 22 fev. 2025

UFBA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA *et al.* *Documento elaborado na sessão plenária final de 01 de outubro de 1982*. Salvador: UFBA, 1982. Manuscrito. Acervo ABEG.

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; UDESC - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Documento Final elaborado no II Congresso Nacional de Desenho. *In: ULBRICHT, V. R.; GUIMARÃES, M. M. Anais do II Congresso Nacional de Desenho*. Florianópolis: Gráfica da UFSC, 1981. p. 200-201.

UMC - UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES; POLI-USP - ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Atas do 2º Encontro Regional de Professores de Geometria Descritiva e Desenho Técnico*. Mogi das Cruzes: UMC: POLI\_USP, 1990. Manuscrito. Acervo ABEG.